

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**ADRIELE DA CRUZ SILVA MARTINS**

**“MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA”:  
a influência da cultura brasileira na formação do *ethos* das Assembleias de Deus (1911–2011)**

**REDENÇÃO – CE**

**2021**

ADRIELE DA CRUZ SILVA MARTINS

“MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA”:  
a influência da cultura brasileira na formação do *ethos* das Assembleias de Deus (1911–2011)

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ruben Maciel Franklin

REDENÇÃO – CE

2021

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/01998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento dos autores e dos editores.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab  
Sistema de Bibliotecas da Unilab - (Sibiuni)  
Catalogação na fonte

Bibliotecária: **Angela Aparecida Patricio Bandeira** – CRB-3 /768

---

Martins, Adriele da Cruz Silva

M341m

Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira: a influência da cultura brasileira na formação do ethos das Assembleias de Deus (1911-2011) / Adriele Martins da Cruz Silva. – Redenção, 2021.  
42f: il.

Trabalho de conclusão de curso – Bacharelado em Humanidades.  
Bacharelado em Humanidades. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Ruben Maciel Franklin

1. Pentecostalismo. 2. Assembleia de Deus. 3. Religião e sociologia. I. Título.

CDD 270.82

CE/UF/DSIBIUNI

---

ADRIELE DA CRUZ SILVA MARTINS

“MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA”:

a influência da cultura brasileira na formação do *ethos* das Assembleias de Deus (1911–2011)

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Humanidades.

Aprovado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2021.

---

Prof. Dr. Ruben Maciel Franklin  
Orientador (UNILAB)

---

Prof. Dr. Gedeon Freire Alencar  
Examinador (FTBSP)

---

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes  
Examinador (UNILAB)

A Deus, a Quem amo de todo coração, alma e entendimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela dádiva da vida e da salvação.

Ao meu marido Lucas, que acreditou em mim quando eu mesma duvidava da minha capacidade para escrever essa pesquisa e por ter me ajudado tanto nesse processo.

À minha mãe, por ter me criado tão bem e por ter me sustentado nos primeiros anos da universidade.

Agradeço ao professor Ruben Maciel, por ter aceitado ser meu orientador e por ter sido tão paciente e atencioso durante o processo da pesquisa.

Agradeço ao professor Pedro Acosta Leyva (campus Malês), por ter plantado a semente no meu coração de pesquisar o pentecostalismo no Brasil.

Agradeço aos meus amigos por terem me ajudado e me incentivado muito desde o início, em especial à Jardele Fagundes, por ter sido uma grande amiga e companheira.

*“Mesmo diante de tal abismo social, há no país uma busca incansável pelo sagrado. O povo brasileiro é místico por natureza. As lutas pela sobrevivência são vencidas pela força nas crenças desse povo, que não se envergonha de crer e ter fé. Uma confiança que caracteriza a resistência mostrada na própria história do Brasil.”*

*Marco Davi de Oliveira*

## RESUMO

As igrejas Assembleias de Deus são hoje a maior denominação pentecostal do Brasil. Presente em grande parte dos centros urbanos, a igreja formou sua identidade ao incorporar aspectos sociais do país. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como as Assembleias de Deus assimilaram traços da Matriz Religiosa Brasileira e como isso tem impactado a expansão assembleiana. A partir dessa compreensão inicial, o trabalho mostrou como e quais aspectos da sociedade brasileira afetaram as relações de gênero dentro da denominação. Essa pesquisa teve caráter qualitativo por buscar compreender as Assembleias de Deus como um fenômeno social além do religioso. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, principalmente a partir da obra “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira”, do autor Gedeon Freire de Alencar. Essa pesquisa tem caráter preliminar e não possui a pretensão de esgotar o assunto. Por outro lado, objetiva contribuir com o debate ao viabilizar pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; Assembleia de Deus; Religião e Sociologia.

## **ABSTRACT**

The Assemblies of God are today the largest pentecostal denomination in Brazil. Present in the most of urban centers, the church formed its identity by incorporating social aspects of the country. The objective of this research was to understand how the church Assemblies of God assimilated Brazilian's traits Religious Matrix and how this impacted the Assembly's expansion. Based on this initial understanding, the work showed how and what aspects of Brazilian society affected in the gender's relationship inside the denomination. This research had a qualitative character as it seeks to understand the Church Assemblies of God as a social phenomenon besides the religious one. The methodology used was bibliographic research, mainly based on the book of Gedeon Freire de Alencar entitled "Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira". This research was preliminary and did not claim to exhaust the subject. On the other hand, it aimed to contribute to the debate by making future research feasible.

**Keywords:** Pentecostalism; Assembly of God; Religion and Sociology

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>2 ASSEMBLEIAS DE DEUS: ORIGEM E EXPANSÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1 Nascimento do Pentecostalismo</b> .....	<b>12</b>
2.1.1 O “pai” do reavivamento pentecostal do século XX - Charles Fox Parham .....	13
2.1.2 O profeta negro de Azusa Street - William J. Seymour .....	14
<b>2.2 A inserção do Pentecostalismo no Brasil</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3 A expansão da maior denominação pentecostal</b> .....	<b>18</b>
<b>3 ADs A PARTIR DA OBRA “MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA: ASSEMBLEIAS DE DEUS – 1911 A 2011”</b> .....	<b>20</b>
<b>3.1 Matriz Religiosa Brasileira</b> .....	<b>20</b>
<b>3.2 Uma Introdução à Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira</b> .....	<b>21</b>
<b>3.3 Primeiro Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1910 a 1950</b> .....	<b>22</b>
3.3.1 Identidade Assembleiana Pentecostal Brasileira: 1ª Fase .....	24
<b>3.4 Segundo Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1950 a 1980</b> .....	<b>26</b>
3.4.1 Identidade Assembleiana Pentecostal Brasileira: 2ª Fase .....	26
<b>3.5 Terceiro Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1980 a 2011</b> .....	<b>27</b>
3.5.1 Identidade Pentecostal Assembleiana Brasileira: 3ª Fase .....	28
<b>4 AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E O MINISTÉRIO FEMININO</b> .....	<b>30</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante em 1517 foi um grande marco na forma como os homens se relacionavam com Deus. Em forma de protesto – daí a origem do nome da reforma – Martinho Lutero (1483–1546) fixou as suas 95 teses à porta do castelo de Wittenberg. Esse documento continha críticas ao modo como a Igreja Católica monopolizava a relação com o sagrado e influenciava a política; além do poder papal, que era absoluto e inquestionável (JÚNIOR, ROSA, 2016).

As bases da Reforma Protestante têm sido popularmente resumidas em cinco pontos, os cinco “solas”: *Sola Scriptura, Solus Christus, Sola Gratia, Sola Fide, Soli Deo Gloria*<sup>1</sup>. De todos os motivos contra a Igreja Católica que culminaram na Reforma, o principal era combater o papel de intermediadora entre os homens e Deus. Podemos, então, perceber que estava surgindo um cristão protestante que não acreditava mais na autoridade do Papa nem na igreja como porta-voz de Deus, sustentando que o acesso a Deus se dava somente através da pessoa de Jesus Cristo (JÚNIOR, ROSA, 2016).

Alguns séculos depois da Reforma, vemos um novo movimento surgindo dentro da Igreja Anglicana: o metodismo, na figura do seu expoente maior, John Wesley (1703–1791). O metodismo nasce no século XVIII, época em que a Inglaterra estava vivendo um caos social e a igreja protestante estava ausente dos debates sociais. Em 1738, Wesley passou por uma experiência pessoal com Deus que culminou no surgimento do movimento metodista. No dia 24 de maio<sup>2</sup>, ele relata em seu diário que sentiu seu coração “estranhamente aquecido” (ANDERSON, 2014; CHAVES, 2016).

A ênfase inicial do metodismo foi a doutrina de Wesley sobre a “segunda bênção”, uma experiência distinta da conversão, crítica, que culminaria em uma “inteira santificação” ou “perfeição cristã”. Essa doutrina da segunda bênção influenciou significativamente o que viria a ser conhecido como pentecostalismo. A partir de então, o metodismo passa a ser um grande movimento para restaurar e santificar a igreja a partir da experiência pessoal com Deus, que levaria as pessoas a praticar atos de justiça em favor dos mais necessitados. Por consequência disso, a Inglaterra passou por uma grande reforma espiritual, política e social (ANDERSON, 2014; CHAVES, 2016).

O metodismo se expandiu e ultrapassou as fronteiras da Inglaterra. A denominação chegou aos Estados Unidos da América em 1760. De acordo com Anderson, o metodismo

---

<sup>1</sup> Somente a Escritura, Somente Cristo, Somente a Graça, Somente a Fé, Somente a Deus a Glória.

<sup>2</sup> 24 de maio se tornou uma data oficial para a Igreja Metodista no mundo inteiro como o Dia do Coração Aquecido.

americano foi uma religião de fronteira pois “enfaticava a liberdade pessoal e abria espaço para o elemento emocional da religião popular, e estendia sua oferta de poder religioso e autonomia aos ‘despossuídos’, às mulheres, aos afro-americanos e aos pobres” (2019, p. 38).

A partir do movimento metodista surgiram outros movimentos adjacentes. Um deles foi o movimento *holiness*, que nasceu no século XIX. Embora de grande influência wesleyana, acabaram se afastando do movimento metodista ao reformular algumas das suas ideias tradicionais. O metodismo defendia que a experiência de santificação era algo acessível a poucos, os novos movimentos de Santidade defendiam que era uma experiência mais geral, possível e necessária a todo cristão (ALTHOUSE, 2014).

Sob toda essa influência, surge o movimento pentecostal, que logo tomou grandes proporções nos EUA e começou a se expandir para outros continentes. No Brasil, o pentecostalismo chega no início do século XX através da Congregação Cristã do Brasil (1910) pelo Luigi Francescon e da Missão de Fé Apostólica (1911) – que depois vai se tornar a Assembleia de Deus, em 1918, nas figuras de Daniel Berg e de Gunnar Vingren. As Assembleias de Deus no Brasil adquiriram características singulares da própria cultura brasileira, a tal ponto que podemos falar sobre a “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira” (ALENCAR, 2019).

Essa pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, procuramos estabelecer um panorama histórico do pentecostalismo americano a partir da influência do metodismo de John Wesley e do movimento *holiness*. Também vamos nos aprofundar no trabalho realizado pelo Charles Fox Parham e a explosão do pentecostalismo que começou com William Seymour. Além disso, falaremos um pouco sobre a inserção do pentecostalismo no Brasil e a inserção e expansão das Assembleias de Deus.

No segundo capítulo, a partir do livro de Gedeon Freire de Alencar, pretendemos colocar as Assembleias de Deus em diálogo com a sociedade brasileira da época. Começaremos entendendo a Matriz Religiosa Brasileira, termo proposto por José Bittencourt (2003) e como as ADs incorporaram aspectos desta, criando assim a Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira. Faremos um caminho metodológico a partir da periodização proposta pelo Gedeon Alencar, para compreender como as ADs assimilaram aspectos sociais de cada época, dando origem a uma identidade assembleiana cada vez mais “brasileiríssima”.

No terceiro capítulo, como resultado da relação feita no segundo capítulo, objetivamos explorar a relação das ADs, sua identidade e seu relacionamento com o ministério feminino a partir de duas personagens importantes na historiografia das ADs: Frida Vingren e a pastora Ruth Doris Lemos. Com base na história delas, entenderemos como o *ethos* sueco-nordestino

das ADs levou a denominação a proibir o ministério feminino, delegando às mulheres apenas cargos inferiores, privilegiando uma narrativa dominada por homens.

O objetivo dessa pesquisa é compreender como as Assembleias de Deus assimilou alguns traços da Matriz Religiosa Brasileira e como essa assimilação se revelou no cotidiano da denominação, dando origem ao seu *ethos*. Por fim, pretendemos usar essa análise para entender como esse *ethos* refletiu na forma em que as ADs lidaram com o ministério feminino a partir dos exemplos de Frida Vingren (1891–1940) e da pastora Ruth Doris Lemos (1925–2008).

A atual pesquisa tem um caráter preliminar de entender a ligação da história de implantação e expansão das ADs à medida que o Brasil vai se desenvolvendo, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o assunto.

## 2 ASSEMBLEIAS DE DEUS: ORIGEM E EXPANSÃO

O alvo da primeira parte do desenvolvimento do nosso trabalho é estabelecer um panorama histórico do pentecostalismo americano a partir da influência do metodismo de John Wesley e do movimento *holiness*, enfatizando o papel de Charles Fox Parham e de William Seymour. Em seguida, trataremos da chegada do pentecostalismo no Brasil, sua inserção e expansão por meio das Assembleias de Deus.

### 2.1 Nascimento do Pentecostalismo

No final do século XIX, irmãos saídos do metodismo e do movimento de Santidade (*holiness*) davam origem ao pentecostalismo, um grupo que enfatizava o papel do Espírito Santo, as experiências de cura e glossolalia (o ato de falar em línguas estranhas). Um dos precursores de várias doutrinas pentecostais foi John Wesley (1703-1791), teólogo, evangelista e um dos fundadores do metodismo no século XVIII (ARONSON, 2012, *apud* PICOLOTTO, 2006). O movimento pentecostal herdou, então, algumas doutrinas de Wesley, como a “perfeição cristã”, também conhecida como “inteira santificação” (MATOS, 2006, p. 28).

John Fletcher (1729-1785) trouxe um novo desdobramento a partir da doutrina de Wesley, associando a inteira santificação ao batismo do Espírito Santo. Apesar da divergência de opiniões entre Wesley e Fletcher, é possível perceber a forte influência pietista que ambos receberam<sup>3</sup> (ANDERSON, 2019, p. 38).

O movimento pietista gerou o movimento morávio que teve uma grande influência na vida do John Wesley e no avivamento metodista. Em 1727, “o Espírito teria se derramado 3 uma reunião de oração contínua, 24 horas por dia, foi instituída e mantida durante dos cem anos seguintes” (ANDERSON, 2019). Wesley teve contato com alguns missionários morávios e estes o questionaram sobre sua experiência de conversão em 1738, quando ele disse ter sentido o “coração estranhamente aquecido”.

Além da ênfase pietista (e wesleyana) na experiência pessoal com Deus, outra doutrina wesleyana que influenciou o pentecostalismo foi a da “segunda bênção”, segundo a qual Deus concede uma experiência santificadora distinta da conversão que purifica o coração do crente e o capacita a proclamar sua fé (ANDERSON, 2019, p. 38). Os pentecostais logo inseririam o

---

<sup>3</sup> “O movimento pietista enfatizava a importância da emoção na experiência cristã” (ANDERSON, 2019, p. 38).

falar em línguas como uma evidência dessa experiência ou, como Parham, como uma “terceira bênção”.

A maior parte das igrejas protestantes metodistas, saindo da Inglaterra e migrando para os Estados Unidos, fez sucesso porque “enfatizava a liberdade pessoal e abria espaço para o elemento emocional da religião popular, e estendia sua oferta de poder religioso e autonomia aos ‘despossuídos’, às mulheres, aos afro-americanos e aos pobres” (ANDERSON, 2019, p. 38). Entender isso é importante que o pentecostalismo, assim como o metodismo, também foi (e até hoje é) um movimento direcionado às massas.

Outros movimentos tiveram grande influência no movimento pentecostal<sup>4</sup>, mas nessa pesquisa enfatizaremos a influência metodista, principalmente porque, nos EUA, o pentecostalismo começou quando Charles Fox Parham rompeu com o metodismo.

### 2.1.1 O “pai” do reavivamento pentecostal do século XX – Charles Fox Parham

A história do Charles Fox Parham (1873-1929) é emblemática e controversa. Apesar disso, ele foi considerado o “pai” do pentecostalismo moderno. Ele foi um dos primeiros pregadores da sua época<sup>5</sup> a unir a pregação com as experiências sobrenaturais, como o falar em línguas como evidência principal do batismo do Espírito Santo, visões, cura e ênfase no papel do Espírito Santo.

Parham foi um jovem doente. Grande parte da sua teologia tinha como base as suas experiências pessoais de cura. Ele tinha encefalite e vermes e aos 9 anos de idade ele contraiu uma febre reumática que debilitou seu coração. Os pais de Parham não seguiam uma religião, mas acreditavam em Deus. Em 1886, Parham começou a sua jornada teológica na Igreja Metodista. Ele começou sendo um professor de Escola Bíblica e aos 15 anos se tornou ministro.

Em 1890, ele iniciou os seus estudos em Medicina e Religião no Southwest Kansas College em Winfield. Aos 20 anos Parham recebeu uma licença para ser pastor temporário na Metodista de Eudora. Mas sua teologia estava se desviando da direção dos seus superiores, por ter vários conflitos com as ideias do Movimento de Santidade<sup>6</sup>. Em 1895, Parham saiu do

---

<sup>4</sup> O pentecostalismo começou como uma fusão de ênfases de movimentos anteriores, mas, aos poucos, foi criando a sua própria identidade. Para mais detalhes: Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático e mundial, do Allan Heaton Anderson (2019).

<sup>5</sup> É importante saber que C. F. Parham é o pioneiro na história oficial do pentecostalismo. Há ainda uma história sobre o pré-Pentecostalismo e outras tradições que faziam uso da glossolalia, visões e cura.

<sup>6</sup> O Movimento de Santidade, também influenciado pelas ideias de John Wesley, enfatizava a importância de uma experiência pessoal com Deus ou “novo nascimento”. Uma igreja no Brasil que segue as ideias do Movimento de Santidade é a Igreja do Nazareno.

Metodismo e decidiu começar o seu próprio ministério evangelístico. Alguns anos depois, ele começou a publicar o seu periódico *The Apostolic Faith*, onde ele divulgava seus ideais (ANDERSON, 2019, p. 46). Ele acreditava que as pessoas precisavam se submeter a uma “terceira bênção”, enquanto na tradição metodista se falasse apenas de duas bênçãos (CAMPOS, 2005).

Em janeiro de 1900 ele conheceu a comunidade de Shiloh e decidiu matricular-se na escola bíblica. Um tempo depois, Parham voltou para Topeka, confiante que Deus o havia chamado para o ministério de cura e abriu sua própria escola bíblica, a *Bethel Gospel School*, tendo os seus primeiros 34 alunos matriculados e usando apenas a Bíblia como livro didático. (ANDERSON, 2015, p. 47). É possível verificar esse comportamento nas primeiras décadas da Assembleia de Deus no Brasil, que rejeitam o ensino formal em um seminário teológico e usam apenas a Bíblia como ferramenta para pregação e evangelização.

Embora Parham tenha formulado a doutrina da “Terceira Bênção” como o falar em línguas – o que mais tarde se tornou uma marca do pentecostalismo clássico – ele (Parham) insistiu que essas línguas eram *xenolalia*, ou seja, idiomas, línguas autênticas e não aprendidas, o que ajudaria na evangelização mundial. Anderson (2019, p. 47) narra uma história que comprova essa crença do Parham na xenolalia:

Parham deu aos seus alunos a tarefa de descobrir no livro de Atos ‘alguma evidência’ do batismo com o Espírito Santo. [...] Eles chegaram a conclusão de que a prova bíblica do batismo do Espírito Santo era falar em línguas [...]. Durante todo o dia de Ano Novo de 1901, eles oraram e esperaram até que, finalmente, às 23 horas, uma aluna chamada Agnes Ozman pediu a Parham que lhe impusesse as mãos para receber o dom do Espírito. Ela foi a primeira a falar em línguas, o que o Parham mais tarde descreveria como ‘falar em chinês’, e foi seguida por outros, entre eles Parham ‘na língua sueca’, três dias depois.

Em 1905, através do ministério do Parham, milhares de pessoas já afirmavam ter recebido o batismo do Espírito Santo. Foi quando ele começou a ministrar um curso em Houston, Texas, onde um afro-americano, William J. Seymour, conheceu as doutrinas das línguas como evidência e levaria para muito além da órbita do Parham (ANDERSON, 2019, p. 47).

### 2.1.2 O profeta negro de Azusa Street - William J. Seymour

William Joseph Seymour (1870-1922) era filho de ex-escravos, nasceu em 2 de maio de 1870 em Centerville, Louisiana. (SYNAN, FOX Jr, 2017, p. 11).

William Seymour foi influenciado por várias religiões locais entrelaçadas ao catolicismo e às religiões tradicionais africanas. Em sua época, a religião africana predominante em sua

região era o *vudu*. Apesar das várias diferenças que as religiões africanas têm em comparação com o cristianismo, elas possuem em comum a fé em sinais, milagres, espíritos, sonhos e visões. Como consequência disso, muitos estudiosos têm afirmado que a união da religião africana local e a realidade da escravidão tenham formado a concepção de pentecostalismo do Seymour. “um pentecostalismo negro” (SYNAN, FOX Jr, 2017, p. 13).

Em 1905, Charles Fox Parham deu início a um curso sobre a Bíblia. Seymour não tinha permissão para assistir por ser um afro-americano<sup>7</sup> e por causa das leis da segregação racial. Seymour foi grandemente influenciado pelos ensinamentos do Parham sobre o batismo no Espírito Santo. Em 1906, Seymour foi convidado para pregar em uma igreja afro-americana, em Los Angeles, mas sua pregação com ênfase na glossolalia e cura não agradou a pastora e ela fechou as portas para ele<sup>8</sup>. Após isso, os membros dessa igreja passaram encontrar o Seymour para orar na casa de Richard e Ruth Asberry. O anfitrião, Edward Lee, que estava recebendo o Seymour pediu para que ele orasse e impusesse as mãos. Várias testemunhas afirmam que Edward caiu no chão e começou a falar em línguas (ANDERSON, 2019, p. 54).

Semanas depois desse episódio, Seymour decide alugar um prédio antigo na Rua Azusa, 312. Esse prédio havia sido usado por uma igreja metodista africana. Mesmo sem um prédio confortável, as reuniões aconteciam das 10h da manhã e iam até tarde da noite. Havia espontaneidade, sem nenhuma programação prévia ou dirigentes. As pessoas cantavam, dançavam e falavam em línguas. Algo curioso desses encontros - levando em consideração a época - era a integração racial. Minorias étnicas encontravam ali um lugar para pertencer. Recebiam um senso de dignidade e comunidade, que sempre lhes foi negado (MATOS, 2006, p. 32). “Um artigo do jornal *A Fé Apostólica*, fundado por Seymour, dizia no número de novembro de 1906: ‘Nenhum instrumento que Deus possa usar é rejeitado por motivo de cor, vestuário ou falta de cultura’”. O lema de Azusa era “a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue” (MATOS, 2006, p. 32).

Na época, o principal jornal da cidade enviou um jornalista para cobrir a movimentação daquele prédio na Rua Azusa. A notícia publicada tinha um teor pejorativo, pois o jornalista escreveu ridicularizando o que ele tinha visto. O artigo (imagem 1) foi publicado naquele mesmo dia e tinha como título *Weird Babel of Tongues* (A Estranha Babel de Línguas).

---

<sup>7</sup> Algumas bibliografias também afirmam que o Parham tinha práticas racistas e isso também impediu o W. Seymour de ter acesso às aulas.

<sup>8</sup> Algo parecido vai acontecer com Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores da Missão de Fé Apostólica no Brasil – que depois vai se chamar Assembleia de Deus. Antes de fundar a MFA, eles fizeram parte de uma igreja batista, mas foram expulsos porque a sua pregação com ênfase na glossolalia não agradou ao pastor da igreja.

Diferente o esperado, a notícia se espalhou como propaganda e dias após a publicação ocorreu o Avivamento da Rua Azusa (MATOS, 2006, p. 32).



Imagem 1: “Weird babel of Tongues”: A Estranha Babel de Línguas (1906) [tradução livre]

W. Seymour veio a falecer em 1922. Pouco tempo depois da sua morte, a missão teve suas portas fechadas, enfraqueceu e o prédio foi demolido. No entanto, vemos o início de um novo capítulo na História da Igreja. Mattos (2006, p. 33) traz em seu texto uma citação de uma placa que foi fixada em uma praça perto do local:

Missão da Rua Azusa – Esta placa comemora o local da Missão da Rua Azusa, que estava localizada na Rua Azusa 312. Formalmente conhecida como Missão da Fé Apostólica, ela serviu como nascedouro do Movimento Pentecostal internacional de 1906 a 1931. O pastor William J. Seymour superintendeu o ‘Avivamento da Rua Azusa’. Ele pregou uma mensagem de salvação, santidade e poder, recebeu visitantes de todo o mundo, transformou a congregação em um centro multicultural de adoração e comissionou pastores, evangelistas e missionários para levarem ao mundo a mensagem do Pentecoste (Atos 2.1-41). Hoje os membros da Movimento Pentecostal/Carismático totalizam meio bilhão ao redor do mundo. Fevereiro de 1999 – Comissão Memorial da Rua Azusa.

O movimento pentecostal tem, portanto, dois homens que são considerados os fundadores, sendo que o Parham foi importante para o ensinamento das línguas estranhas<sup>9</sup> - xenolalia - como evidência do batismo com o Espírito Santo (MATOS, 2006, p. 30). No entanto,

<sup>9</sup> ANDERSON (2019) conta que Parham acreditava que o dom de línguas era a *xenolalia*. Ou seja, uma pessoa batizada com o Espírito Santo conseguiria falar em uma língua (idioma) que não foi previamente aprendida. Para Parham, essa evidência tinha a ver com a pregação do Evangelho à todas as nações.

sua visão foi rejeitada e destoava muito da doutrina sobre o dom de línguas que surgiu com o pentecostalismo clássico (ANDERSON, 2019, p. 48).

W. J. Seymour, por sua vez, foi o responsável por levar o pentecostalismo para o mundo, através do fenômeno que foi o Avivamento da Rua Azusa. Para além disso, diferente do Parham, Seymour acreditava que todos, independente do gênero e da cor, poderia experimentar o batismo com o Espírito Santo. Seria, então, o pentecostalismo uma superação das questões de raça e gênero?<sup>10</sup>

## 2.2 A inserção do Pentecostalismo no Brasil

Depois de Los Angeles, não demorou muito para que o pentecostalismo se expandisse por outras regiões do planeta. Esse movimento trouxe à existência uma grande quantidade de denominações e milhares de novas igrejas (GONZÁLEZ & GONZÁLEZ, 2010, p. 400). Anderson (2019) diz que “o Brasil tem provavelmente o maior número de pentecostais no mundo”.

O fundador da primeira denominação pentecostal no Brasil foi um italiano, Luigi Francescon (1866-1964). Ele e sua esposa viviam em Chicago e foram influenciados pelo que aconteceu na Rua Azusa. Eles sentiram que Deus os estava chamando para América do Sul. Alguns meses depois eles chegaram a São Paulo e fizeram parte de uma igreja presbiteriana. Mas quando Luigi começou a falar em línguas e a incentivar a busca pelo batismo com o Espírito Santo, ele foi expulso da igreja. Nessa saída ele foi acompanhado de algumas pessoas que adotaram os seus ensinamentos, junto com alguns outros que abandonaram suas igrejas e ele fundou a primeira igreja pentecostal<sup>11</sup> no Brasil: a Congregação Cristã do Brasil - CCB, em 1910<sup>12</sup>. (GONZÁLEZ & GONZÁLEZ, 2010, p. 414). A CCB, apesar de ter nascido do seio pentecostal, não dialoga com as outras denominações pentecostais. Ela é altamente sectária, considerando-se a única igreja verdadeira. Ela é também considerada a igreja mais discreta do Brasil quanto a sua liderança. Ela não tem cadastro de membros, mas contabiliza cada batismo feito. Ela não evangeliza<sup>13</sup>, mas acredita que “os que se salvam e se batizam foram ganhos porque eram predestinados e chamados por Deus para a salvação” (CÉSAR, 2000).

<sup>10</sup> Para mais informações ver ALENCAR, FARJADO. “Pentecostalismo: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero?” (2016).

<sup>11</sup> Embora ela não se considere pentecostal, ela é sociologicamente alocada dessa forma (MONTEIRO, 2010, p. 123).

<sup>12</sup> Apesar do Francescon ter uma grande influência e a CCB, embora filha do pentecostalismo, não tem nada em comum com a Assembleia de Deus (que surge poucos anos depois e é uma pentecostal clássica).

<sup>13</sup> É considerada uma pentecostal hiper calvinista.

A segunda denominação pentecostal a chegar no Brasil foi a Missão da Fé Apostólica<sup>14</sup>, em 1911, com dois imigrantes suecos, Gunnar Vingren (1879-1993) e Daniel Berg (1884-1963). Eles chegaram no Brasil no mesmo ano que o Francescon, mas ficaram um tempo fazendo parte de uma Igreja Batista no Pará, enquanto aprendiam português. Em 1911, conta-se que a pregação pentecostal do Vingren não agradou e o pastor expulsou Vingren e um grupo de pessoas. Foi a partir disso que começou a Missão da Fé Apostólica<sup>15</sup>, liderada por Gunnar Vingren (ANDERSON, 2019, p. 95).

A Assembleia de Deus (AD)<sup>16</sup> teve um crescimento lento no seu início, mas, em 1920, ela já estava presente em todos os Estados do Norte e Nordeste do Brasil. Em 1944 as ADs já tinham trabalhos sendo executados em todo Brasil; e no início do século XXI, 47% dos evangélicos brasileiros faziam parte da Assembleia de Deus (GONZÁLEZ & GONZÁLEZ, 2000, p. 417). Gouveia (1990, p. 51) diz que: “com a industrialização e o crescimento urbano do pós guerra, resultado de intensa migração interna, as Assembleias de Deus cresceram muito, principalmente nas grandes cidades”.

Diferente das outras denominações anteriores e posteriores, “a Assembleia de Deus desenvolveu um trabalho de maior expansão para outros estados do Brasil. Ela soube adaptar-se às mudanças tanto no pentecostalismo, como na sociedade brasileira” (PICOLOTTO, p. 78, *apud* MARIANO, 2004).

### **2.3 A expansão da maior denominação pentecostal**

A Folha de São Paulo em 1933 trouxe a seguinte notícia: “O grupo religioso que mais cresce no Brasil são os pentecostais. Segundo a Associação Evangélica Brasileira existem 35 milhões de evangélicos no país, dos quais 2 milhões são pentecostais” (1933, p. 14, *apud* WULFHORST, 2013, p. 1). O pentecostalismo se espalhou pelo Brasil de forma peculiar, mas, em especial, as Assembleias de Deus dominaram – e ainda dominam – o cenário religioso brasileiro. De Belém do Pará, ela chegou rapidamente ao Nordeste, para em seguida avançar pelo Sul do país.

As ADs se espalharam principalmente pelas mãos de pessoas leigas e, provavelmente, iletradas (ANTONIAZZI, 1994, p. 82), porque, diferente das denominações tradicionais (metodista, anglicana, presbiteriana e luterana), a denominação dos suecos prezava mais pela

---

<sup>14</sup> Em 1918 se tornaria a Assembleia de Deus.

<sup>15</sup> Mesmo nome dado pelo W. J. Seymour à igreja da Rua Azusa.

<sup>16</sup> A partir daqui chamaremos de “ADs” para facilitar.

ação do Espírito Santo que pela formação teológica. Como resultado, cada novo membro era encorajado a se tornar um missionário. O ímpeto proselitista se tornou uma marca dos primeiros convertidos, o que era entendido como resultado da dádiva do batismo do Espírito Santo. Sem limitar a proatividade dos seus membros, a Assembleia de Deus rapidamente se espalhou pelo Brasil afora (FRANKLIN, 2014). O grande volume de migrações do Norte para o Nordeste corroborou para a rápida expansão das ADs nessas regiões. Foi seguindo o fluxo da população em busca de trabalho que, em poucos anos, tornou as ADs a maior denominação pentecostal do Brasil.

A denominação cresceu no Brasil sem nenhum apoio financeiro dos EUA. Os membros vinham das camadas mais pobres, atraindo, especialmente, os negros – o pentecostalismo é a linha protestante que mais tem negros em comparação às igrejas tradicionais reformadas (ANDERSON, 2019, p. 95). Wulfhorst (2015) nos diz ainda que a AD “cresceu à medida do crescimento da pobreza na periferia”, já que “as classes mais pobres são atraídas pelo apoio e solidariedade, pela liberdade de expressão e manifestação religiosa nos cultos e outras reuniões e pelo acesso direto às lideranças” (p. 9).

William Read sobre o crescimento da AD:

A única igreja implantada em todos os Estados e Territórios brasileiros é a Assembléia de Deus. Alguns territórios, servidos pela Assembléia, possuem igrejas pequenas e insignificantes, mas o fato é que sua presença é universal. As máquinas de costura Singer, o guaraná, e a Assembleia lá estão presentes. Na verdade, foram até os confins do país (READ, 1967, p. 132, *apud* FAJARDO, 2015).

A partir da segunda metade do século XX seria possível encontrar uma AD em qualquer cidade do país, variando entre mega templos e pequenas congregações. É fácil se dar conta da presença de uma AD mesmo nos lugares mais remotos do Brasil. Muitos municípios nem sequer têm uma Igreja Católica, mas com certeza terá uma AD (ALENCAR, 2019).

Para além do seu enorme crescimento, as ADs carregam em si marcas de uma brasilidade, sobre a qual trataremos no próximo capítulo.

### **3 ADs A PARTIR DA OBRA “MATRIZ PENTECOSTAL BRASILEIRA: ASSEMBLEIAS DE DEUS – 1911 A 2011”**

As ADs trazem consigo vários aspectos culturais, sociais e econômicos. Ela é a cara do Brasil, em suas metamorfoses e contradições. O pesquisador Gedeon Freire de Alencar propõe que a denominação,

como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; grande, mas fracionada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira! (2019, p. 23)

Nesse capítulo, analisaremos a relação entre as Assembleias de Deus e a sociedade brasileira ao longo das décadas, a partir da obra (citada no título da seção) de Gedeon Freire de Alencar. Como a maior denominação pentecostal do Brasil incorporou aspectos sociais e culturais do nosso país? Existe uma “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira”?

#### **3.1 Matriz Religiosa Brasileira**

O antropólogo holandês André Droogers (1987, p. 63-86), em seu artigo “A religiosidade mínima brasileira”, levanta uma questão que hoje consideramos ser tema central nos estudos e debates sobre religiosidade no Brasil. Ele afirma que existe uma religiosidade mínima vivida em ambientes seculares, veiculada pelos meios de comunicação em massa, revelando traços mais profundos da cultura brasileira.

O professor José Bittencourt Filho (2003), seguindo essa linha, chama essa religiosidade mínima de Matriz Religiosa Brasileira. No Brasil-Colônia teríamos, de início, um encontro de dois elementos fundantes do que o Bittencourt Filho chama de Matriz Religiosa Brasileira: o catolicismo popular, que veio com os portugueses. O catolicismo tem como base a adoração de santos através das imagens. Do outro lado, teríamos o elemento fundante, ligado à religião dos indígenas nativos. Sua base seria o animismo, onde tudo é sagrado, se crer em um mundo invisível e não há distinção entre a fé e a vida cotidiana. Logo depois, com a expansão do Brasil-Colônia e com a chegada de escravizados africanos, veio também as religiões de matriz afro-brasileiras: Candomblé, Quimbanda (ou Magia Negra) e a Umbanda (LEMOS, 2014, p. 76). Bittencourt resume dizendo:

Assim sendo, na prática religiosa colonial mesclavam-se elementos católicos, negros e indígenas [...] tecendo uma religiosidade deveras original [...]. A bem da verdade, deve-se considerar a Matriz Religiosa Brasileira como o resultado inerente ao encontro de culturas e mundividências (BITTENCOURT, 2003, p. 49, *apud* LEMOS, 2014).

As novas denominações do protestantismo de missão, a partir do final do século XIX, começaram a rechaçar todos os sinais da Matriz Religiosa Brasileira, considerando-os como pecado e heresia. Isso se tornou tão forte que hoje é uma das marcas das igrejas protestantes (LEMOS, 2014, p. 78). No entanto, isso provocou tantas cisões que abriu caminho para o pentecostalismo autônomo que, por sua vez, abraçou a Matriz Religiosa Brasileira, mas ainda diferenciando o que pertencia a Deus e o que pertencia ao diabo. Esse pentecostalismo autônomo promoveu algumas rupturas: primeiro com as origens do protestantismo de missão; e segundo, como já dito, se apropriando das crenças dessa Matriz Religiosa Brasileira. Desta forma, entendemos que “o sucesso de uma proposta no campo religioso brasileiro estaria umbilicalmente relacionado ao seu comprometimento, explícito ou não, com a Matriz Religiosa Brasileira” (LEMOS, 2014, p. 79).

Em seu artigo “Religiosidade à Brasileira”, Lemos (2014, p. 81 - 82) elenca algumas características marcantes dessa assimilação do pentecostalismo com a Matriz Religiosa Brasileira:

Adaptação ao mundo moderno, lançando posse (literalmente) de vários meios de comunicação de massa, suntuosidade de templos, administração empresarial, estabelecimento de binômio de força espiritual agregado ao poder político; multiplicação de agentes religiosos e suas decorrentes titulações (pastores, bispos, missionários e até apóstolo, bem como evangelistas, presbíteros, diáconos, obreiros), de modo a atender às demandas e acomodar membros; mensagem central trabalhada à exaustão, “Só Jesus salva” ou “Pare de sofrer”, aliada ao batismo no Espírito Santo e na libertação (exorcismos e curas) das forças demoníacas e de doenças; enfoque direcionado na teologia da posse de bens, de saúde e de felicidade; e na Teologia Prosperidade, em que se estabelece um balcão de trocas entre Deus e o fiel, insistência nos dízimos e ofertas, o demônio como devorador e misturador, e salvação que se dá aqui e agora, neste mundo, pela posse de bens, bem estar, curas e libertação; etnocentrismo e proselitismo exacerbado, discriminação frente as minorias e a favor da “família”, enfatizando a poupança, a aplicação e o investimento.

Assim, percebemos que a Matriz Religiosa Brasileira permeia o pentecostalismo e, por conseguinte, podemos falar sobre a existência de uma Matriz Pentecostal Brasileira.

### **3.2 Uma Introdução à Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira**

O campo de estudo religioso brasileiro vem sofrendo grandes mudanças nos últimos anos. A explosão do pentecostalismo é um dos fatores que impulsionou essas mudanças. De acordo

com o censo de 2010 do IBGE<sup>17</sup>, os evangélicos saíram de 6,6% da população em 1980 para 22% em 2010. Em números, isso se torna um salto de 7,8 milhões para 42 milhões de brasileiros, sendo 60% pentecostais (MAGALHÃES, 2014, p. 217). Logo, é natural que haja uma maior produção de pesquisas acadêmicas para entender esse fenômeno que vem ganhando força e os seus desdobramentos.

O livro “Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 – 2011” escrito por Gedeon Freire de Alencar<sup>18</sup> em virtude do centenário da denominação é uma dessas pesquisas que se propõe a descrever, a provocar e a questionar a Matriz Pentecostal Brasileira a partir das Assembleias de Deus no Brasil que, como ele mesmo diz, são “uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira” (2019, p. 23), pois reproduzem as mesmas contradições que o Brasil. Ele diz:

É uma igreja híbrida. Presente em todos os centros urbanos, mas ausente das questões urbanas; visível em todas as periferias, mas indiferente nas decisões sobre as mesmas; vanguardista no espaço que dá aos pobres e às mulheres na atuação dentro da congregação, mas repete e ajuda a perpetuar os mecanismos de opressão contra os mesmos; com grandes patrimônios nos templos sedes, repetindo o modelo de concentração de renda, enquanto os da periferia continuam com pouca ou nenhuma infraestrutura; barulhenta em suas reuniões, mas calada sobre o país (ALENCAR, 2019, p. 23, grifo nosso).

Alencar nos diz que as ADs brasileiras não são brasileiras apenas por estarem no Brasil, mas pela forma como nasceram e se estabeleceram aqui. Por isso, elas são a base da matriz pentecostal brasileira. No Brasil, nós temos um “pentecostalismo híbrido: que veio dos EUA, trazido por europeus (suecos), e aqui é abrasileirado, gerando um resultado peculiar e único” (2019, p. 33).

### 3.3 Primeiro Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1910 a 1950

Em 1910, o Brasil tinha aproximadamente 24 milhões de habitantes, sendo a maioria na zona rural. Havia também uma grande imigração europeia. O Norte do País era um grande produtor de borracha<sup>19</sup> e o Sudeste produzia bastante café. Como vimos, é exatamente nessa época que o pentecostalismo chega ao Brasil, oriundo dos EUA, mas trazida por europeus

---

<sup>17</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>18</sup> Gedeon é doutor em Ciência da Religião pela PUC, membro da Rede Latino-americana de Estudos do Pentecostalismo (RELEP), do Grupo de Estudos do Protestantismo e do Pentecostalismo (GEPP-PUC-SP) e da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina e Caribe (CEHILA).

<sup>19</sup> O Ciclo da Borracha foi muito importante para a expansão das ADs no Brasil.

(ALENCAR, 2019, p. 99-100). Nesse período temos uma presença forte da Igreja Católica e uma presença, ainda tímida, das igrejas protestantes.

Gedeon elenca três aspectos que são importantes para a formação do pentecostalismo assembleiano no Brasil: em primeiro lugar, a relação entre Brasil e Suécia; em segundo, o cosmopolitismo de Belém e em terceiro, a instauração da ditadura do Estado Novo no governo do Getúlio Vargas. Falaremos brevemente sobre cada um desses aspectos.

Não só o Brasil mudou nos últimos cem anos, mas a Suécia também passou por grandes transformações. Então, é necessário conhecer um pouco da história da Suécia da época para entendermos as ADs no Brasil.

Segundo Paul Freston (1994), a Suécia de 1910 não era a próspera sociedade como a conhecemos atualmente. Pelo contrário, era uma sociedade estagnada. Entre 1870 e 1920 mais de um milhão de suecos emigraram para os Estados Unidos<sup>20</sup>. Diferente do que a maioria pensava na época, a Suécia de 1910 não era uma nação símbolo de progresso: a livre iniciativa só se implantou no país em 1864; somente em 1905 tiveram um governo parlamentar e em 1907 o sufrágio masculino universal. Além disso, eles tinham pouca liberdade religiosa, assim como o Brasil. Freston (1993, p. 77) diz:

O padrão escandinavo (Martin, 1978b: 22-24; 33-36) de relação entre religião e sociedade e de uma Igreja estatal luterana com altíssimo índice (95%) de adesão formal e de cumprimento dos ritos de passagem, e de baixíssimo índice (5%) de prática. Não há catolicismo, e o pluralismo existente e mais interno (pietismo) do que institucional. Igrejas dissidentes (batistas) aparecem somente na segunda metade do século XIX, e são fracas. [...] A igreja estatal tem alto status e um clero treinado nas universidades, mas as congregações são muito pequenas.

Alencar questiona algo importante: para esses missionários, vir para o Brasil era realmente um sofrimento? Ele diz que “em 1911, o Brasil não era um paraíso, mas estava longe de ser um inferno”. Os suecos viviam deslumbrados com o fato de poder “pregar o evangelho em praça pública”. É evidente que as coisas não eram mais fáceis aqui. Em toda a história de Igreja é possível encontrar relatos de missionários que foram presos por causa, principalmente, da Igreja Católica – a religião dominante da época. No entanto, quando presos, esses suecos apresentavam uma cópia da Constituição e o delegado era obrigado a soltá-los.

Além da relação entre o Brasil e a Suécia, que depois vai formar o *ethos* da AD, outro fator importante sobre a AD é o Estado onde ela nasceu: Belém do Pará!

---

<sup>20</sup> É possível encontrar mais informações sobre a Suécia de 1910 no livro *Nem anjos nem demônios* – Alberto Antoniazzi (1993).

A região Norte do país não era a mais rica e famosa das regiões. Mas em 1900 ela era “uma das metrópoles mais modernas do país” (SARGES, 2000, p. 94, *apud* ALENCAR, 2019, p. 104). Na época, Belém era a cidade mais rica do país, principalmente por causa do ciclo da borracha, tendo uma vasta população de estrangeiros atraídos pela modernização da cidade. Além desses estrangeiros, Belém também atraía muitos nordestinos fugidos da seca. Muitos deles eram acometidos por doenças como febre amarela e malária, doenças que, à época, proliferavam-se nas classes mais baixas. Em Belém, era possível ver “milionários e miseráveis, muita riqueza e muita pobreza, europeus e americanos exploradores de riqueza, e brasileiros explorados e fugidos da estiagem”. Uma cidade “bem naturalmente brasileira” (2019, p. 104).

Em 1930 temos, no Brasil, a virada da República e em 1937 a instauração do Estado Novo. Getúlio Vargas (1882–1945) assume a presidência e essa nova forma de política vai influenciar as Assembleias de Deus. Conforme Alencar (2019, p. 105), “o caudilhismo de liderança, o moralismo da cooptação dos movimentos sociais, a articulação política do peleguismo e o exercício fascista do seu governo” vão se integrar ao modelo assembleiano, o que ele vai chamar de “getulismo assembleiano”. Além da influência do Estado Novo nas ADs, temos também o seu *ethos* sueco-nordestino. Por ter sido uma denominação que nasceu no Norte e se expandiu pelo Nordeste, as ADs ganharam aspectos da cultura nordestina da época, como o patriarcalismo, a ideia de que o trabalho da mulher se restringe a cuidar da casa, dos filhos e do marido.

De acordo com Alencar (2019), “as ADs nascem congregacionais, tanto em suas origens suecas como americanas, e se mantêm assim até a década de 1930. Moderna em sua comunicação e liturgia, avançada na participação das mulheres e inclusiva com os pobres e negros” (p. 105). As ADs se destacavam em comparação com as outras igrejas protestantes brasileiras, simplesmente por ter espaço para as minorias. No entanto, em 1950 as ADs se tornaram “uma igreja conservadora e controlada ditatorialmente por uma elite sacerdotal machista e refratária a todas e quaisquer mudanças” (ALENCAR, 2019, p. 105).

### 3.3.1 Identidade Assembleiana Pentecostal Brasileira: 1ª Fase

A identidade assembleiana nessa época vai ser formada em torno na teologia do sofrimento. “Esse sofrimento não é um ideal, mas uma prática e uma práxis com função ideológica” (ALENCAR, 2019, p. 146). Esse sofrimento era também uma marca da igreja primitiva em Atos dos Apóstolos.

A primeira história de sofrimento vem dos fundadores, pois consideravam que Berg e Vingren saíram da Suécia para “sofrer no Brasil por amor ao evangelho” (ALENCAR, 2019, p. 146). Mas, como vimos em tópicos anteriores, a Suécia de 1910 não era muito diferente do Brasil de 1910. Assim como Alencar salienta, a história do Berg e do Vingren merece ser reconhecida, no entanto, toda instituição precisa de heróis para “manutenção dos esquemas de poder” (CAMPOS, 1999. p. 88).

Há também, na constituição da identidade assembleiana, o conceito de trabalho. O questionamento que o autor faz é: “trabalhar é sofrimento ou privilégio?” (ALENCAR, 2019, p. 148). Alencar nos apresenta duas perspectivas sobre o trabalho, sendo a partir de uma “interpretação luterana do conceito paulino de vocação” (2019, p. 148). O segundo conceito vem de uma cosmovisão pentecostal assembleiana, de origem agrícola, ou seja, algo natural que faz parte do dia a dia. É comum ouvir de pentecostais a palavra “trabalho” associada a práticas eclesiais. *Sufrimento e trabalho* são palavras que aparecem constantemente em hinos assembleianos<sup>21</sup>.

Outro fator importante na construção da identidade assembleiana pentecostal brasileira é o que Freston (1994) chama de *ethos* sueco-nordestino, cuja compreensão viabiliza uma primeira aproximação da história assembleiana.

Os missionários suecos que fundaram as ADs vieram de um país no qual eles eram marginalizados e eram parte de uma minoria religiosa. Desprezavam a igreja estatal, desconfiavam da social-democracia que tinha vestígios de secularismo. “Eram portadores de uma religião leiga e contra cultural e resistentes à erudição teológica [...]”. Por serem marginalizados, não se preocupavam com ascensão social como os missionários americanos. (Freston, 1993, p. 78). Tudo isso influenciou na formação da identidade pentecostal assembleiana brasileira.

	<b>Primeiro período (1911 – 1946)</b>
<b>Religião e Sociedade</b>	Fim da República Velha, início da Era Vargas e instauração do Estado Novo
<b>Aspecto identitário</b>	Teologia do sofrimento e a diferença das ADs para os outros protestantismos
<b><i>Ethos</i></b>	Sueco-Nordestino

(Tabela 1)

<sup>21</sup> “Eu quero trabalhar para o meu Senhor” (504), “Trabalhadores do evangelho” (506) etc.

### 3.4 Segundo Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1950 a 1980

Em 1950 e 1980, vemos acontecendo no Brasil uma enorme migração da população rural para a cidade, rumo à urbanização. A população brasileira em 1950 era de 52 milhões de habitantes, sendo 36% urbana e 63% rural, e as ADs possuíam 120 mil membros. Em 1980, a população cresce para 120 milhões, sendo 67% urbana e 32% rural (ALENCAR, 2019, p. 180).

Essas migrações tiveram uma contribuição especial na expansão e consolidação das ADs. Elas não somente acompanharam essa mudança, mas contribuíram. A presença do pentecostalismo no contexto urbano tem a ver com uma necessidade de ajustamento social. Isso significa que o pentecostalismo tinha como principal função nessa época ajudar essa nova população a se adaptar numa sociedade urbana e moderna. Desta forma, essa nova população urbana enxergava no pentecostalismo a resposta às novas necessidades que surgiriam. Por consequência disso, o pentecostalismo – e principalmente as ADs – tiveram um crescimento de adeptos junto com as migrações rural-urbana (FAJARDO, 2015, p. 17-18).

#### 3.4.1 Identidade Assembleiana Pentecostal Brasileira: 2ª Fase

No primeiro período (1911–1948), o que constituía a identidade pentecostal era a teologia do sofrimento e o *ethos* sueco-nordestino. Além desses dois pontos importantes, temos a glossolalia: “O assembleiano é pentecostal porque fala em línguas” (ALENCAR, 2019, p. 207). Mas nessa segunda fase (1946–1988), as ADs não possuíam mais o domínio exclusivo da glossolalia porque surgiram outros grupos pentecostais, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal O Brasil Para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Ou seja, a marca que distinguia as ADs das outras denominações consideradas “frias” agora é também parte da identidade de outras denominações pentecostais. Como, então, diferenciar a identidade das ADs das outras? A partir da disciplina (ALENCAR, 2019, p. 209).

Nesse período o mundo vivia no pós-Segunda Guerra e via a nação de Israel surgindo. Na visão escatológica das ADs, tudo apontava para o fim dos tempos. A disciplina surge nesse período em que era necessário estar pronto para o fim (ALENCAR, 2019, p. 210).

A palavra “disciplina” também pode ter outros significados nas ADs. Em muitos casos, tem a ver com o “estar em pecado” e ser impedido de participar das atividades da igreja (ALENCAR, 2019, p. 210).

A essa altura, temos uma segunda geração de assembleianos. Enquanto no primeiro período a igreja era composta por pessoas convertidas, no segundo período a igreja será

composta, em sua maioria, por pessoas que já nasceram no berço das ADs. E isso fará diferença! (ALENCAR, 2019, p. 210)

Existem muitas diferenças entre as *Assemblies of God* (AG)<sup>22</sup> e as ADs. Apesar de ser a mesma igreja, elas nunca andaram juntas. Um exemplo disso é que as AGs ordenam pastoras e as ADs não.

O mundo pós-guerra se americanizou e isso chegou também até as ADs, apesar da resistência em tentar preservar o legado sueco. Os suecos dominaram as igrejas-sedes e a convenção por muitos anos e a partir de 1951 não vemos nenhum sueco assumindo qualquer cargo na Convenção. “A relação entre brasileiros e suecos; suecos e americanos; e brasileiros e suecos nunca foi tranquila nos diferentes momentos e por distintas causas” (ALENCAR, 2019, p. 216-217). Dessa forma, houve sim uma transição do *ethos* sueco-nordestino para o *ethos* americano, mas não foi nada pacífica.

	<b>Segundo período (1946 – 1988)</b>
<b>Religião e Sociedade</b>	Pós-guerra e ditadura militar
<b>Aspecto identitário</b>	Teologia da disciplina e a diferença das ADs entre as novas denominações pentecostais
<b>Ethos</b>	Americano-brasileiro

(Tabela 2)

### 3.5 Terceiro Período – Religião e Sociedade nas décadas de 1980 a 2011

Chegamos na última fase da periodização das ADs no Brasil e, como toda nova fase, essa traz consigo problemas novos. Enquanto na primeira fase os conflitos eram com a dominação da Igreja Católica e com as outras denominações tradicionais, e na segunda fase o conflito se dava com as novas denominações pentecostais, nesta terceira fase os problemas virão de dentro. Um problema interno com os diferentes assembleianismos (ALENCAR, 2019, p. 225).

A maior força das ADs é interna: sua presença em todo território nacional, sua membresia dedicada, sua liderança se aprimorando, suas instituições e organismos consolidados, seu capital simbólico solidificado e presença política e econômica visíveis; mas, ironicamente, seu maior inimigo também é interno (ALENCAR, 2019, p. 225).

<sup>22</sup> Apesar de ter o mesmo nome as *Assemblies of God* e as Assembleias de Deus nunca compartilharam do mesmo pensamento sobre o ministério feminino. Falaremos mais sobre esse assunto no subtítulo “Relações de Gênero nas ADs”

A figura principal da terceira fase foi o pastor José Wellington Bezerra da Costa. Ele esteve na liderança da CGADB desde 1989 até 2017, quando foi substituído pelo seu filho José Wellington Costa Junior. Wellington e a família dominaram a CGADB, pois eram “caudilhos, patrimonialistas e nepotistas” (ALENCAR, 2019, p. 226). E, apesar de nessa época o Brasil estar retornando à democracia, as ADs permaneceram em um “episcopalismo vitalício” (ALENCAR, 2019, p. 226). O estilo de liderança de José Wellington marca da segunda geração na liderança da CGADB, “ora reafirmando ora reposicionando-se diante da antiga ‘tradição assembleiana’” (FAJARDO, 2015, p. 117).

Em 2011, o Brasil começa a ter um protagonismo mundial. Participou do G20 em 2008 e iniciou sua participação em cúpulas mundiais em questões ambientais, econômicas e políticas. Assim como o Brasil, as ADs estão vivendo em uma época de mostrar a sua cara. Mas, “quanto mais a igreja cresce, mais ela fica parecida com a sociedade na qual está inserida” (FREESTON, 1995, *apud* ALENCAR, 2019, p. 229). Isso nos mostra que, como falamos nos primeiros tópicos desse capítulo, as ADs não se diferenciam tanto assim do seu *habitat*. É a prova dos diferentes assembleianismos que começaram a surgir nessa terceira fase.

### 3.5.1 Identidade Pentecostal Assembleiana Brasileira: 3ª Fase

De acordo com Sanchis (1994, p. 47), “a identidade pentecostal demarca campos e define uma adesão exclusiva. [...] Não é mais “isto” e “aquilo” ao mesmo tempo”. Ortiz (1985), em “Cultura Brasileira e Realidade Nacional”, diz que uma identidade pode ser construída a partir da relação exterior do grupo, das relações internas, da relação cultural e política e da construção simbólica de sua autenticidade. Ao longo da história das ADs, a necessidade de distinção e demarcação de identidade teve seu lugar de importância, principalmente quando levamos em consideração que o Brasil era majoritariamente católico e outras denominações protestantes estavam em busca de um espaço e de fiéis.

Na primeira fase, vimos como a teologia do sofrimento, que nasce a partir de uma visão escatológica da realidade (ALENCAR, 2019, p. 44). Na segunda fase, o elemento identitário será a teologia da disciplina. No terceiro período, a concorrência não é entre as ADs e as outras igrejas protestantes, mas entre as ADs e os novos pentecostalismos. Nessa última periodização das ADs, o novo elemento de distinção na identidade pentecostal assembleiana e a teologia da competência. Dessa forma, enquanto “o sofrimento indicava que o mundo era contra ele, a disciplina o distinguia [do mundo], e a competência agora o habilita a viver no mundo [...]” (ALENCAR, 2019, p. 269, *acréscimo nosso*).

Nesse momento da periodização, as ADs estão fragmentadas e ramificadas em diferentes grupos. Há um crescimento nos diferentes assembleianismos, sejam eles “místicos, ortodoxos, tradicionais, modernos ou apostólicos”. Vemos o surgimento de várias congregações “que mantém o primeiro nome e acrescentam alguma adjetivação, tanto geográfica como “teológica”<sup>23</sup>, produzindo uma “antropofagia assembleiana” (ALENCAR, 2019, p. 271). E assim nasce a concorrência. Cada igreja tentando ser mais assembleiana que a outra e fazendo uso dos marcadores de identidade: quanto mais sofrida, mais disciplinada e, conseqüentemente, mais competente.

	<b>Terceiro período (1988 – 2011)</b>
<b>Religião e Sociedade</b>	Redemocratização do País
<b>Aspecto identitário</b>	Teologia da competência e a diferença entre as ADs e as outras ADs
<b><i>Ethos</i></b>	Carioca-paulista

Tabela 3

---

<sup>23</sup> De acordo com a classificação de Alencar, esses novos assembleianismos podem ser chamados de assembleianismos autônomos ou difusos.

#### 4 AS ASSEMBLEIAS DE DEUS E O MINISTÉRIO FEMININO

Nos últimos anos, temos visto um aumento nas pesquisas que relacionam gênero e pentecostalismo. Isso é compreensível, porque existem mais mulheres que homens nas igrejas pentecostais. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, as denominações pentecostais tinham 14.097.289 mulheres (55,57%) para 11.273.195 homens (44,43%). Especificamente nas ADs, 6.727.891 mulheres (54,63%) para 5.586.520 homens (45,37%). A historiografia pentecostal mostra que mulheres fizeram parte, de forma ativa, da expansão pentecostal. Apesar disso, as mulheres têm sido oprimidas e marginalizadas, tendo seu chamado e seus dons negados. O pentecostalismo que se expandiu após Azusa, que tinha como diferencial a presença e a liderança de mulheres e negros, hoje falha em lidar com alguns males sociais, optando pela perpetuação de sistemas de opressão (ANDERSON, 2019, p. 292-295). Essa dinâmica não foi diferente nas ADs brasileiras, e, apesar da constante negação ao ministério feminino nas ADs, várias mulheres têm feito parte da história de implantação e expansão das ADs.

O texto bíblico mais importante para os pentecostais, Atos dos Apóstolos, capítulo 2, mostra que as mulheres receberam o Espírito Santo no mesmo dia que os homens. No início do pentecostalismo nos Estados Unidos, há histórias de que as mulheres foram as primeiras a receber o batismo do Espírito Santo. É possível ver a liderança de mulheres nos primórdios do pentecostalismo (FREESTON, 1994, p. 74). Mas, desde o início do movimento pentecostal, as mulheres, apesar da grande presença e do trabalho duro, foram marginalizadas (ALENCAR, 2019). Muitas são as “mulheres que levam a mensagem pentecostal, iniciam e constroem igrejas, mas, no momento da inauguração do templo, ou colocação dos nomes na história oficial, são esquecidas” (SANZANA, 1995 *apud* ALENCAR, p. 117). Frida Vingren é uma dessas muitas mulheres.

Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940) veio da Suécia depois do seu esposo. Chegou em Belém em 1917 e viveu treze anos no Brasil. Durante sua vida no Brasil, ela fez um trabalho primoroso, mas ainda assim, é esquecida na história oficial das ADs. “Ela pregava, cantava, tocava – existem vinte e quatro hinos da Harpa Cristã registrados em seu nome (...)” (ALENCAR, 2019, p. 117). Além disso, ela foi redatora do jornal *Mensageiro da Paz*, trabalhou no jornal *Boa Semente e Som Alegre*.

Para um pesquisador de pentecostalismo, é fácil encontrar informações sobre os missionários pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg. Toda história do nascimento e expansão das ADs giram em torno dos seus nomes. Já existe, no pentecostalismo, a tendência elevar os

fundadores, principalmente quando esses fundadores são homens. “As mulheres realizam o trabalho, os homens recebem as glórias” (ALENCAR, 2019, p. 117).

No início do pentecostalismo, o gênero não era um impeditivo para o exercício do ministério, considerado um dom de Deus sem relação com a qualidade do ministro. No entanto, na prática e no dia a dia nas igrejas, as coisas funcionam de forma diferente. Conforme Alencar (2019, p. 118), “o período de maior participação e melhores oportunidades que as mulheres tiveram nas ADs foram as primeiras décadas”.

A ideia de igualdade de gênero tem sido um assunto elitizado. Está, em alguma medida, presente no pentecostalismo urbano, mas totalmente ausente no pentecostalismo rural e conservador. A desigualdade ainda faz parte da vida da população pobre e periférica, e os pentecostais perpetuam essa desigualdade nas práticas eclesiais.

“Frida fez tanto barulho que precisou ser silenciada” (ALENCAR, 2019, p. 120). Ela foi silenciada na história oficial das ADs brasileiras, apesar de ter hinos, artigos e poesias escritos por ela. Além disso, ela exerceu atividades eclesiais que hoje são negadas para as mulheres.

O problema em lidar com o ministério feminino tem a ver com o que Paul Freston chama de “*ethos* sueco-nordestino” das ADs. Não só por suas raízes nordestinas, mas também de suas raízes suecas. De acordo com Araújo (2011, p. 121), “dos 64 missionários da SFM<sup>24</sup>, entre solteiras e casadas, 39 eram mulheres (56,3% da força missionária), mas como ele admite, somente se fala em Daniel Berg e Gunnar Vingren”. Isso significa que houve a união de dois machismos: o sueco e o nordestino. A Frida não contava com isso.

Ela tem uma longa história de suor e trabalho, mas a sua história fora invisibilizada por uma historiografia assembleiana que privilegiou a narrativa masculina. Laura Sá Aragão (2004) deu como título ao seu trabalho: “Chamada por Deus, ignorada pelos homens”. Esse título resume a história da Frida e de várias outras mulheres que trabalharam com afinco na implantação e expansão das ADs no Brasil, mas tiveram suas histórias apagadas.

Na primeira Convenção das ADs que aconteceu em Natal no ano de 1930, o assunto sobre o ministério feminino continuou como pauta. Essa convenção foi convocada com o objetivo de “resolver certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor” (ALENCAR, 2019, p. 124). Entre as questões tratadas, estava a atuação das mulheres na igreja e, apesar de haver tantos homens contra o ministério feminino na Convenção, Gunnar Vingren era favorável. Ele afirmava que as mulheres poderiam e deveriam participar do trabalho eclesial. A convenção geral foi convocada com um único objetivo: pôr um fim ao trabalho

---

<sup>24</sup> SFM: Svenska Fia Missioem (Missão Sueca Livre)

realizado por mulheres na denominação e isso realmente aconteceu (ALENCAR, 2019, p. 125). É importante ressaltar que, na maioria dos casos, quando se fala de liderança e pastorado feminino, logo se recorre às pautas feministas para formar seus argumentos. No entanto, Frida possuía uma capacidade de analisar a situação a partir de uma leitura não feminista. Isso porque Frida sabia que, se ela desconsiderasse os deveres domésticos, ela não seria sequer ouvida pelas mulheres, quanto mais pelos homens conservadores assembleianos. Conforme Alencar (2019), “as demandas feministas não tinham voz na sociedade brasileira, muito menos em um ambiente religioso pentecostal assembleiano” (p. 130-131). A abordagem da Frida sobre a igualdade de homens e mulheres no trabalho eclesiástico não parte de uma ideia feminista, mas era teológica, pois no relato de Pentecostes, em Atos dos Apóstolos, “todos foram cheios do Espírito Santo” (Atos 2.4a). Não houve distinção de gênero, raça/etnia ou classe. No final do capítulo 2 em Atos diz que “todos tinham tudo em comum”. Mas para Frida, tudo fora negado.

Apesar de lhe ter sido negado o direito de exercer o seu ministério, Frida não deixou de manifestar a sua posição em relação ao trabalho feminino nas ADs. Um ano depois da convenção, ela escreve o artigo “Deus mobilizando as tropas” no jornal *Mensageiro da Paz*, Ano I, nº 3 de 1 de fevereiro de 1931, e diz:

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As *irmãs* das “assembléas de Deus”, que igualmente, com os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer *mais* do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, *quando chamadas pelo Espírito Santo*, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existem *um grande numero de* irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando *exclusivamente* no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde ha uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethrus falar deste assumpto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? [...] O Senhor diz: “A quem enviarei e quem ha de ir por nós? Diremos nós: “Eis me aqui, envia-me a mim”.

MENSAGEIRO DE PAZ 3

## DEUS MOBILIZANDO AS SUAS TROPAS

(por Frida Vingren)

Mobilização é um movimento pertencente às guerras. É o acto de preparação das tropas para a lucta. Vivemos em tempos de apprehensões, guerras e revoluções, e, em muitos paizes, tem havido, ultimamente, taes movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização.

Deus tambem está mobilizando as suas tropas, ou, em outras palavras, chamando o seu povo para a actividade e lucta pela causa santa do Evangelho. Delle procede um despertar espiritual, mais necessario que o material, pois, a felicidade de um povo, não consiste apenas no progresso material, mas, sim, no verdadeiro conhecimento de Deus e de sua Palavra. Os interesses do reino de Deus excedem em valor e nobreza aos interesses terrenos. A responsabilidade pela proclamação do reino, para sobre nós. E o Rei (Jesus) espera que cada cidadão do seu reino, cumpra com o seu dever. Cada qual, no seu logar, no seu posto, executando o serviço que lhe foi entregue.

A primeira vez que Deus mobilizou as suas tropas, foi no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discipulos, no cenaculo. Cumpriu-se então, o que diz o psalmo 110:3: "O teu povo oferece-se voluntariamente no dia do teu poder; Em trajes santos do seio da aurora, vem o orvalho dos teus jovens".

O mandado do Mestre foi este: "Ide, por todo o mundo, pregae o Evangelho a toda creatura".

Mas, os seus enviados necessitavam primeiramente, entrar na "camara dos armamentos" para serem revestidos de poder; por isso, foi-lhes dito: "fice em Jerusalem, até que do alto seiaes revestidos de poder". O cenaculo em Jerusalem, tornou-se, figuradamente, a casa dos armamentos, onde os discipulos foram revestidos de força. Depois, sahiram como "testemunhas de fogo", por toda parte, fallando de Jesus e da Sua Salvação. Com a espada flamejante— a Palavra de Deus, vivificada pelo Espírito Santo, venceram sobre a ignorancia, o phanatismo e a incredulidade. Sim, venceram sobre toda a força do inimigo, e ganharam logar para o reino de Deus, nos corações contritos e humildes, que pela fé, acceitaram a mensagem salvadora.

E hoje? Deus ainda está mobilizando as suas tropas? Sim, agora, para o ultimo combate, que será travado antes da vinda de Jesus. A "camara dos armamentos" ainda está aberta— Jesus está derramando o Espírito Santo sobre seus servos e servas. É a ultima chamada; necessitamos por isso, desesperar do somno da indifferença para attender ao apello de Deus.

Ah, diz alguém, não é preciso tanto alvoroço—Deus faz Sua obra como e quando quer. Sim, é verdade, mas, sabes tambem, que se não te apressares, ficarás atraz? O Senhor procura instrumentos que Elle possa usar agora. Elle não vae ficar esperando por alguns tímidos e orgulhosos, que não se conformam com as condições, nem com a sua direcção, mas, vae usar os humildes, os consagrados, que se apresentam voluntariamente. Quem tem um coração inteiro para com o Senhor, se apresenta. O amor de Jesus nos constrange. Eis a força invisível, que nos leva a pôr-nos, a nós mesmos, acima do altar em sacrificio Santo e agradável a Deus, dizendo: "Senhor, aqui estou, faz de mim o que Tu queres."

Não diga ninguém: eu sou tão fraco, nada sei, nada posso fazer. Lembra-te de que o poder de Deus, se manifesta na fraqueza. Não na fraqueza que se chama peccado, mas naquella a que podemos chamar, "dependencia inteira do Senhor". Esta, faz-nos sedentos da graça e do poder de Deus. É a condição necessaria para termos a cooperação do Senhor comosco no trabalho. Certo é, que Deus, daqui em diante, vae fazer a Sua obra com poder, por aquelles que se humilharam verdadeiramente e que permitem, o Espírito Santo os dirigir. Os tímidos, os orgulhosos e os "sabios" hão de ficar do lado?

Como podes afirmar isto? Sim, porque está escripto, que as aguas que saem do Santuario, vão sempre crescendo, alargando-se e aprofundando-se e por onde passar este rio, haverá vida em abundancia. (Ezeq. 49).

Isto quer dizer, que os que abrem seu ser para essas aguas vivificadoras, isto é, os que vivem nas bênçãos da plenitude do Espírito Santo, hão de ser mais e mais abençoados, emquanto os que se afastaram da sua comunhão e cooperação, se tornarão infructíferos, como as aguas paradas. Alguns, preferem mais o cheiro dos "charcos", com seu silencio mortal, do que o ruido das correntes das aguas vivas. Outros, gostam mais de ouvir o "mugido do gado, além do rio", do que os rumores da guerra santa. Isto é, preferem tratar das coisas materiaes, antes de se dedicarem ás coisas espirituaes.

Despertemo-nos, para attender ao chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das "assembléas de Deus", que egualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos peccados, precisam convencer-se de que podem fazer mais do que tratar dos deveres domesticos. Sim, podem tambem, quando chamadas pelo Espírito Santo, sahir e annunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande numero de irmãs evangelistas, que saem por toda a parte annunciando o Evangelho, entrando em logares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde ha uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Levi Pethrus fallar deste assumpto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrazadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na "parada das tropas" a qual teve logar aqui no Rio, depois da revolução, tomou tambem parte, um batalhão de moças do Estado de Minas Geraes, as quaes se tinham alistado para a lucta.

Para cumprir um ideal terrestre ha muita coragem, porque tambem não a ha para cumprir a vontade de Deus? Não pôde ser falta de direcção, pois é o mesmo Senhor que dirige a obra em todo o logar. Só pôde ser falta de educação espiritual ou de submissão á direcção do Espírito Santo. Esta falta pode ser removida pelo esclarecimento da verdade, e humilhação da parte dos resistentes. As irmãs, convem buscarem santificação e consagração, para que o Senhor as possa dirigir e abençoar. Não ha tempo a perder. Jesus vem muito breve.

O Senhor diz: "A quem enviarei, e quem ha de ir por nós? Diremos nós: "Eis me aqui, envia-me a mim".

---

+++++

+ Sois Templos do Espírito? +

+ Mus. Harpa Christo n.º 144. +

+ Do santo Espirito — está escripto, +

+ Que notis os templos, sim—templos de +

+ Deus; +

+ Já recebestes — depois que crestes +

+ O dom glorioso, decido dos ceus? +

CORO: +

+ Deixa entrar para morar +

+ O Espirito de Deus; +

+ Dom prometido, já concedido, +

+ Bemdito dom dos altos ceus. +

+ O que te salva — tambem te lava, +

+ Pra tua alma de manchas limpar; +

+ Purificado — morto ao peccado, +

+ O santo Espirito já pode entrar. +

+ Oh, peregrino oé o teu destino +

+ Entra na terra de leite e mel, +

+ Santificado — por Deus chamado +

+ Serás guiado por guia fiel. +

F. V. +

+++++

(Imagem 2: Artigo da Frida para o jornal Mensageiro da Paz)<sup>25</sup>

Depois de tudo isso, Frida viveu quinze anos no Brasil até que voltou para a Suécia e lá viveu por mais oito anos. Foi duplamente morta: quando sofreu o machismo que a impediu de desenvolver o seu ministério e quando, depois de morta, retiraram-na da história oficial, matando a sua memória. "As ADs elegeram seus santos, mas falta assumir que têm uma mártir. Feita não por inimigos da igreja, mas por ela própria" (ALENCAR, 2019, p. 137).

O pentecostalismo norte-americano teve como marca principal o fato de ter sido um movimento liderado por negros e mulheres. E, até hoje as *Assemblies of God* ordenam mulheres ao pastorado. No site da denominação norte-americana é possível encontrar um documento em

<sup>25</sup> Disponível em <<http://editoracpad.com.br/hotsites/frida/27188/pagina-artigos%207/8.html>> Acesso em 9 de mar. de 2021

favor do pastorado feminino usando a Bíblia como autoridade final, precedente histórico-global, exemplos bíblicos de mulheres no ministério etc. As AGs concluíram que:

As Assembleias de Deus foram abençoadas e devem continuar a ser abençoadas pelo ministério das filhas dotadas e comissionadas de Deus. A Bíblia afirma repetidamente que Deus derrama Seu Espírito sobre homens e mulheres e, assim, dá a ambos os sexos o dom para o ministério em Sua Igreja. Portanto, devemos continuar a afirmar os dons das mulheres no ministério e liderança espiritual. *[Tradução livre]*

Há um abismo entre as ADs e as AGs. Mas, em que momento as ADs se distanciaram do modelo real do pentecostalismo? Por que há diferenças doutrinárias entre as AGs e as ADs, se ambas possuem o mesmo nome?

Paul Freston (1994) diz que sem entender o *ethos* das ADs é impossível entender sua teologia. Isso se aplica ao machismo sofrido pela Frida e por tantas outras mulheres. As ADs foi uma denominação criada por suecos que vieram dos EUA, que se estabeleceu em Belém do Pará e se espalhou pelo Norte e Nordeste. Como vimos no primeiro período, as ADs foram influenciadas pelo “caudilhismo de liderança” da ditadura do Estado Novo, mas, para além disso, as ADs foram demasiadamente influenciadas pela cultura nordestina da época: o machismo, o coronelismo nordestino, a superioridade masculina (OLIVEIRA, 2013, p. 5), tornando as ADs uma denominação sexista, onde apenas os “homens dominam a produção do que é ‘sagrado’” (ROSADO-NUNES, 2005, *apud* OLIVEIRA, 2013).

Depois da Frida, outra mulher que fez parte da história das ADs foi Ruth Doris Lemos, missionária americana. Doris (1925–2008) nasceu em Wisconsin (EUA) e se casou com o pastor João Kolenda Lemos (1922–2012). Ela era jornalista e pastora assembleiana nos EUA e viveu 50 anos no Brasil tendo o seu ministério pastoral negado. Além de pastora, Doris era pedagoga. Em 1958, Doris e seu marido fundou o IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus), numa época em que as ADs não prezavam pelo conhecimento teológico e considerava o seminário como apenas uma “fábrica de pastores” (ALENCAR, 2019, p. 194).

Enquanto nos EUA ela era a “pastora Doris”, no Brasil ela era apenas a “irmã Doris” ou a “missionária Doris”. No Brasil, Doris nunca teve o seu ministério reconhecido, mesmo diante de todos os seus feitos. O trabalho da pastora Doris foi marginalizado apenas por ela ser uma mulher e pela crença de que a mulher deve ser *apenas* a auxiliar do homem.

“A pastora Doris se contentou apenas com a *missão*; Frida quis também o Ministério. Frida confrontou os homens; Doris se acomodou diante deles; Frida foi massacrada, rejeitada e excluída e, por fim, morta; Doris foi aceita e incorporada” (ALENCAR, 2019, p. 196). Existem mais Doris dos que Fridas nas ADs ao redor do Brasil. Mulheres que são oprimidas, têm seus dons e talentos negados e são designadas para trabalhos inferiores apenas por serem mulheres.

Muitas dessas mulheres trabalharam muito para a expansão e consolidação das congregações, mas tiveram seus nomes apagados da História Oficial. “A pastora Doris Lemos foi tudo que a Frida não foi: submissa e, principalmente, resignada [...]” (ALENCAR, 2019, p. 197).

Se na primeira fase falamos sobre a Frida Vingren e na segunda falamos sobre a pastora Doris, queremos finalizar este tema falando sobre as várias mulheres assembleianas espalhadas pelas igrejas e congregações pelo Brasil afora.

<b>Religião</b>	<b>Homens</b>	<b>%</b>	<b>Mulheres</b>	<b>%</b>
ADs	5.586.520	45,37	6.727.891	54,63

(Tabela 4: Membros das ADs dividido por gênero, Censo 2010, IBGE)

Apesar de ter mais mulheres que homens, como mostra a tabela 3, as ADs são dirigidas exclusivamente por homens. Enquanto na primeira Convenção em 1930 as mulheres mencionadas, nas Convenções seguintes isso não acontece. Se em algum momento as ADs eram modernas em comparação com o país, agora elas estão em completo atraso, principalmente quando o assunto é gênero (ALENCAR, 2019, p. 241).

Na terceira fase (1946–1988), às mulheres eram delegadas apenas três funções, a *missão oficial*, que é participar do Círculo de Oração; a *missão oficiosa*, que é o exercício da profecia e a *missão oficialisca*, ser a primeira-dama do Ministério.

“Orar é a *missão oficial* da mulher assembleiana”. O Círculo de Oração é dominado por mulheres, pois “é uma reunião diurna em que mulheres na igreja local se reúnem para orar e também conversar e cantar” (ALENCAR, 2019, p. 242). Mas aqui vemos um problema: a missão da mulher fica restrita apenas à *oração*. Ao homem, portanto, a missão é a *ação*. Esse é um traço do machismo na Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira.

Em sua segunda missão, a mulher tem a profecia. Mesmo não tendo acesso aos púlpitos, uma mulher que profetiza tem o *poder* de desestabilizar qualquer líder espiritual. A questão fundamental que Alencar traz é que “o exercício profético feminino (oficioso) rivaliza com o ministério masculino (oficial)” (2019, p. 244) a partir de três atitudes: sua fala ou silêncio enigmático, sua articulação caseira e seu poder simbólico (ALENCAR, 2019, p. 244).

Um culto pentecostal é caracterizado pela possibilidade de uma participação coletiva. Todos falam algo, nem que seja um “Aleluia!” ou um “Glória a Deus!”. Na maioria das vezes, essa participação é um termômetro para quem está com a palavra. Basta só um “silêncio enigmático”, para passar a impressão de que a pessoa que está falando é “espiritualmente fria”. Isso pode destruir ministérios. Além desse silêncio, uma mulher pode ter o seu grupo de oração

em sua casa. Essa articulação caseira pode lhe servir de muitas formas, seja para mandar um recado para alguém ou para influenciar essas pessoas. Neste caso, pastor nenhum pode proibir essa mulher de fazer tal coisa já que a oração é a missão oficial da mulher. Juntando esses dois aspectos, essa mulher agora possui um poder simbólico que, segundo Bourdieu (1989, p. 7) é um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Um homem pode até ter poder, mas se ele ignora a possibilidade de uma articulação feminina, isso pode lhe custar o ministério. Oficial ou não, as mulheres têm poder (ALENCAR, 2019, p. 243-245).

Em uma escala de hierarquia, a *missão oficial* parece ser a mais importante e mais influente, mas uma mulher viúva, semiletrada e pobre pode ter mais poder do que a primeira-dama do Ministério.

Apesar da presença massiva de mulheres na origem e na expansão das ADs brasileiras, isso não foi o bastante para permitir o ministério feminino. Doris e Frida são símbolos do que acontece diariamente com várias mulheres assembleianas. A elas são dados apenas cargos inferiores, desconsiderando suas capacidades e dons. Para as ADs brasileiras, o trabalho da mulher é apenas ser submissa – um reflexo do machismo nordestino. Essa é uma marca “de um paradigma social maior do que a Igreja, que se faz presente nos governos, empresas e em diversas camadas da sociedade” (ALENCAR, 2019, p. 198).

As ADs são um retrato fiel do Brasil: moderna, mas arcaica. Até quando falamos de mulher.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma pequena congregação em Belém à maior denominação evangélica do Brasil, levando o nosso país a ser aquele com o maior número de pentecostais no mundo. Em 2010, estimava-se que os pentecostais representavam 35,6% dos 34 milhões de pentecostais e 29,1% dos 42 milhões de evangélicos (ALENCAR, 2019, p. 24)<sup>26</sup>, totalizando mais de doze milhões de assembleianos espalhados pelo Brasil, em todas as regiões, etnias, expressões regionais e peculiaridades. As ADs têm uma inexplicável habilidade de se fixar e assimilar aspectos da cultura local. Isso torna as ADs cada vez mais plurais (ALENCAR, 2019).

A motivação da sua fundação foi uma profecia que Daniel Berg e Gunnar Vingren receberam, separadamente, enquanto faziam parte de uma igreja sueca em Chicago (EUA). A profecia dizia que eles deveriam ir para o “Pará”. Assim eles fizeram, e chegaram ao Brasil em 1910, dando início no ano seguinte à Missão de Fé Apostólica, que depois se tornaria a Assembleia de Deus (ALENCAR, 2019; ANDERSON, 2019).

Diferente das outras denominações da época que possuíam uma estratégia missionária para a expansão, as ADs não nasceram de forma pensada e planejada, ela apenas nasceu. Um assembleiano comum diria que o crescimento exponencial das ADs foi “obra de Deus”. Não podemos dizer que esse assembleiano esteja errado, mas ao analisarmos a historiografia das ADs, conseguimos perceber alguns fatores “menos espirituais” para esse crescimento: (1) O ciclo da borracha; (2) explosão demográfica; (3) necessidade de pertencimento numa nova sociedade urbana e (4) inclusão social das camadas marginalizadas na sociedade – negros e mulheres. Por essas razões, as ADs têm chamado a atenção dos pesquisadores acadêmicos quando o assunto é religião e sociedade (POMMERENING, 2015). Com o passar dos anos, a relação entre religião, sociedade e cultura vem se estreitando e é de suma importância estudar esses novos fenômenos, pois a religião vem ocupando um espaço significativo na sociedade. “Desta forma, a religião adotada por determinada sociedade nada mais é do que a manifestação da própria sociedade, nela refletida” (DURKHEIM, 2008 *apud* FAJARDO, 2015). Dos suecos, as ADs herdaram aspectos pietistas. Dos americanos, herdaram “fenômenos múltiplos” (ALENCAR, 2019, p. 337). Do Brasil, herdaram aspectos culturais da Matriz Religiosa Brasileira. As ADs são, portanto, “brasileiríssimas”.

Alguns fatores nos levaram a pesquisar sobre esse tema, mas os principais foram compreender como as Assembleias de Deus incorporaram traços da Matriz Religiosa Brasileira,

---

<sup>26</sup> Fonte: IBGE – *Censo 2010*

relacionar o fenômeno pentecostal que são as ADs com a sociedade, entender como a denominação assimilou aspectos sociais no decorrer das épocas, dando origem ao seu *ethos* e, por fim, analisar como esses fatores reproduziram comportamentos opressores quando o assunto é ministério feminino na denominação.

Quando começamos o processo de pesquisa e escrita desta pesquisa, percebemos que, apesar de ainda tímida, as pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno pentecostal e, especificamente sobre as ADs têm aumentado. As primeiras referências sobre o campo pentecostal vêm do historiador francês Émile G. Léonard (1891–1961), que se empenhou a entender e a explicar o protestantismo brasileiro e essa pesquisa resultou no livro “O Protestantismo Brasileiro” (LÉONARD, 1981). Nesta obra, Leonard vai definir que ele chama de “pentecostismo” como “a grande primavera atual do ‘espiritualismo’ nos meios protestantes do mundo inteiro, que pretende nele criar Igrejas ‘do Pentecostes’” (LÉONARD, 1981, p. 345). Algumas décadas depois, em 1970 e 1980 teremos as pesquisas de Francisco Cartaxo Rolim, que analisa os movimentos a partir da visão marxista e em 1990, o artigo de Paul Freston, que faz uma pesquisa histórica sobre as denominações pentecostais. É a partir de Freston que absorvemos o conceito do *ethos* sueco-nordestino para o entendimento das ADs brasileiras.

Recentemente, tivemos outras publicações sobre o movimento pentecostal brasileiro e a denominação assembleiana, como as obras de Gedeon Freire de Alencar, que, além da obra que utilizamos nesta pesquisa, também publicou o livro “Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911–1946)” como resultado da sua pesquisa do mestrado e “Matriz Pentecostal Brasileira: as Assembleias de Deus (1911–2011)” como resultado da sua pesquisa do doutorado. Há também o trabalho de Marina Corrêa que se propõe a analisar a lógica de poder assembleiana “Assembleias de Deus: Ministérios, carisma e exercício de poder”; por fim, destaque também a pesquisa realizada pelo historiador Ruben Maciel Franklin “A Chama Pentecostal chega à Terra da Luz: breve história das Assembleias de Deus no Estado do Ceará (1914–2014)”, que focam a história regional da denominação. Há também muitos outros pesquisadores que têm se empenhado em compreender e explicar a religiosidade pentecostal e suas relações internas e externas.

Como consequência disso, esta pesquisa, preliminar, tentou buscar entender a ligação entre a história das Assembleias de Deus e a história da sociedade brasileira. As ADs, em comparação com as outras denominações pentecostais, é a que mais tem livros contando a sua própria história. No entanto, o “mito fundante” e o triunfalismo das literaturas produzidas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) torna um pouco difícil fazer essa relação. Do outro lado, temos pesquisadores que focalizam apenas os defeitos da denominação.

Para além disso, as mulheres são quase inexistentes na historiografia oficial das ADs e mesmo que elas representem 54,63%<sup>27</sup> da membresia história oficial valoriza somente os homens. Foi, então, em razão disso que escolhemos utilizar o livro “Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira: Assembleias de Deus 1911 – 2011” do professor doutor Gedeon Freire de Alencar. A partir da periodização proposta pelo autor, conseguimos perceber as ADs como um produto da sociedade em que elas estavam inseridas, tornando-se cada vez mais plurais, cada vez mais brasileiras. A obra elucida questões externas e internas das ADs, lançando por terra o “mito fundante” que está presente na maioria das literaturas sobre o tema e nos dando um vislumbre mais profundo e amplo da historiografia assembleiana.

Essa pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, nós estabelecemos um panorama histórico do pentecostalismo americano e suas influências. Também traçamos um pouco da história de Parham e de Seymour, os principais nomes do pentecostalismo americano. No segundo capítulo, trabalhamos com a obra do Gedeon Freire de Alencar, fazendo um diálogo entre as ADs e a sociedade brasileira de cada período proposto pelo autor. Começamos pela Matriz Religiosa Brasileira, termo elaborado por José Bittencourt (2003), analisando como as ADs se apropriaram dessa matriz, dando origem à Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira. No terceiro capítulo exploramos a relação das ADs com o ministério feminino a partir da sua identidade e do seu *ethos*. Usamos como base a história da Frida Vingren e a pastora Ruth Doris Lemos.

Ao analisarmos mais profundamente a história das ADs, notamos que elas são hoje um produto de sua época: machista e patriarcal na forma de lidar com as mulheres, militarista e getulista na forma das suas hierarquias de lideranças. É uma igreja moderna para sua época de nascimento, pois, enquanto mulheres não votavam, nas ADs elas tinham voz; no entanto, quando o país começa a avançar em equidade de gênero, as ADs retrocedem proibindo o pastorado feminino. Modernas, mas arcaicas, as ADs são uma síntese do Brasil (ALENCAR, 2019).

Esperamos ter podido elucidar alguns pontos da história das ADs brasileiras, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o assunto, mas sim de incentivar o surgimento de novas pesquisas sobre o tema.

---

<sup>27</sup> Fonte: IBGE – *Censo 2010*

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Ed. Recriar, São Paulo/SP, 2019
- ALENCAR, Gedeon Freire de; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismo: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? **Estudos de Religião**, v. 30, n. 2, pp. 95-112, mai-ago 2016
- ALENCAR, Glauber Rodrigues de. **Aspectos da cultura pentecostal brasileira: origem, influências e desenvolvimento**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2015
- ALTHOUSE, Peter. Wesleyan and reformed impulses in the Keswick and Pentecostal Movements. **Pneuma Review**, 2014. Disponível em: <http://pneumareview.com/peter-althouse-wesleyan-and-reformed-impulses-in-the-keswick-and-pentecostal-movements/> Acesso em 30 mar. 2021
- ANDERSON, Allan Heaton. **Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial**. Edições Loyola, São Paulo, 2019, 1ª ed.
- ANTONIAZZI, Alberto, *et al.* **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas sobre o pentecostalismo**. Ed. Vozes, Petrópolis/RJ, 1994
- ARAUJO, Isael. **100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 2011 *In* ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Ed. Recriar, São Paulo/SP, 2019
- ARONSON, Torbjorn. **Continuity in charismata: Swedish Mission and the growth of neo-pentecostal churches in Russia**. Occasional Papers on Religion in Eastern Europe, Rosemont – Illinois, v. 31, n. 1, p. 3, 2012. *In* PICOLOTTO, Mariana Reinisch O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**, Piauí, v. 3, n. 1, pp. 69-89, 2006. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741/37775>> Acesso em 12 de nov. de 2020
- BITTENCOURT, José Filho, **Matriz religiosa brasileira: Religiosidade e mudança social**. **Estudos Teológicos**, v. 45, nº 2, pp. 184-186, Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/Koinonia, 2005
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil S. A., Rio de Janeiro, 1989.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. UMESP/Vozes, São Paulo, 1999, *In* ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Ed. Recriar, São Paulo/SP, 2019
- CÉSAR, Elber M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Ultimato, Viçosa/MG, 2000, 1ª ed.
- CHAVES, Pedro Jônatas da Silva. Raízes Históricas do Pentecostalismo Moderno. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. 7, nº 1, pp. 75-92, jan-jun/2016.

DIAS, Júlio César Tavares. **O Movimento Pentecostal**: algumas notas após seus cem anos. *Pol. Hist. Soc., Vitória da Conquista*, v. 18, n. 1, pp. 77-94, mai 2018.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Onde a luta se travar**: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980), 2015 (Acervo do orientador)

FOX Jr., Charles Ray; SYNAN, Vinson. **William Seymour**: a biografia. Editora Carisma, Natal/RN, 2017, 1ª ed.

FRANKLIN, Ruben Maciel. **A chama pentecostal chega à terra da luz**: breve história das Assembleias de Deus no Estado do Ceará (1914-2014), Editora IBAD, 2014

GONZÁLEZ, Justo L., GONZÁLEZ, Ondina E. **Cristianismo na América Latina**: uma história. Vida Nova, São Paulo/SP, 2010, 1ª ed.

JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; ROSA, André Luís da. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. **Encontros Teológicos**, v. 31, n. 2, Florianópolis, pp. 235-252, 2016.

LEMONS, Alexander Valdo. Religiosidade à brasileira, da sugestão do *chef* ao *Self* salve-se. **Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**. vol. 1, Vitória-ES, jan-jun 2014, pp. 71-82. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.

LÉONARD, Émile-Guillaume. **O Protestantismo Brasileiro**: estudo da eclesiologia e história social. 2ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo. JUERP/ASTE, [1963], 1981

LOS ANGELES DAILY TIMES, **A estranha babel de línguas**, Los Angeles, 1906. Acesso em 11 de nov. 2020. Disponível em <<http://heresies.landmarkbiblebaptist.net/modern-tongues.html>>

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

MAGALHÃES, Alexander Soares. Resenha de “Matriz Pentecostal Brasileira”. **Interseções**, v. 16, n. 1, pp. 217-222, jun. 2014.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, nº. 52, pp. 121-138, 2004.

MATOS, Alderi de Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata** XI, nº 2, pp. 23-50, 2006. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_XI\\_2006\\_2/Aldereri.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XI_2006_2/Aldereri.pdf)>. Acesso em: 11 de nov. 2020.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. Editora Loyola, São Paulo/SP, 2002, 2ª ed.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiárya. **A indumentária e os usos e costumes defendidos pela igreja Assembleia de Deus (1975 – 1999)**. ANPUH, Natal, 2013

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. Brasiliense, São Paulo, 1987

PAPER RESEARCH. **Biography of Charles Fox Parham**. Disponível em: <https://www.paper-research.com/biographies/Charles-Fox-Parham-28011.html> Acesso em 1 de out. 2020.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**, Piauí, v. 3, n. 1, p. 69-89, 2006. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741/37775>> Acesso em 12 de nov. de 2020

POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. **Revista Azusa**, v. 2, n. 1, 2011.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”, *In* ANTONIAZZI, Alberto, *et al.* **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas sobre o pentecostalismo. Ed. Vozes, Petrópolis/RJ, 1994

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 35, n. 1, pp. 7-20, 2013.